

Proposta de comunicação: A gente do livro na guerra peninsular.

No âmbito dos estudos realizados sobre as invasões francesas em Portugal, a contribuição lusitana para a construção da lenda negra napoleónica foi explorada dentro da esfera da mitocrítica e da historiografia, sendo para tal desenvolvidas análises sobre os mecanismos propagandísticos e políticos relativos à abundante produção literária do período. Além de revelar o papel português na construção de retratos corrosivos, o nosso projecto de comunicação pretende associar o conjunto das obras às condições de produção nas quais a documentação estudada se enraíza. Pois, parece-nos pertinente, para uma melhor percepção da acção da propaganda na sociedade portuguesa, logo após a partida dos franceses, lançar uma reflexão sobre a produção a partir de um elenco de figuras identificadas nessa comunidade da gente do livro e das letras.

Nesta comunicação tencionamos desenvolver um estudo sobre a intensa actividade editorial do ano de 1808 (estudo desde já iniciado por António Pedro Vicente num excelente artigo publicado em 1999 que incide sobre a Real Imprensa da Universidade de Coimbra) procurando abrir caminho para um panorama global da situação, detendo-nos sobre casos particulares ilustrativos. Pretende-se explorar a produção desse manancial de impressos que desaba sobre o território português servindo-se para tal de diversas fontes documentais que dão voz aos diversos actores do mundo do livro assim como o fizeram, focando o espaço brasileiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Márcia Abreu e Lúcia Maria Bastos Pereira Neves. Essa ampla produção propagandística antifrancesa aparece caracterizada fragmentariamente nos pareceres exarados pelos censores, nos anúncios publicados na *Gazeta de Lisboa*, no balanço económico dos actores dessa produção impressa, nos prólogos dos próprios impressos que constituem o elo central da nossa investigação realizada para o nosso doutoramento. A partir do cruzamento das fontes vistoriadas na Torre do Tombo, no Arquivo do Exército Militar e da Biblioteca Nacional, pode-se igualmente esboçar um retrato da distribuição e da recepção dessa documentação pondo em relevo algumas práticas de leitura reveladas por certos escritos. Ao mergulhar nesse mundo do livro, não é possível deixar de lado a questão da parada económica que reúne os diversos actores envolvidos nas etapas da vida do livro, por isso procuraremos abordar essa questão através do tratamento de algumas reedições.

Considerando o impresso enquanto suporte e objecto comercial também se participa ao estudo da Guerra Peninsular sob outro prisma, o da actividade da gente do livro que procuramos aqui esclarecer sob a égide de grandes nomes da história do livro tais como Robert Darnton, Roger Chartier no espaço internacional ou ainda José Luís Lisboa na esfera nacional.

Palavras-chave: Guerra peninsular – propaganda – história da leitura – censura.